

NÃO COMPREM

NENHUMA SEDA

sem pedir primeiro as amostras das nossas altas novidades garantidas solidas de fr. 1.20 a frs. 18.50 o metro.

Especialidades: *Messal.ne, crêpe de Chine, taffetas chiffon, etc. para toilettes de passeio, de casamento, de baile e de soirées, assim como para blusas, forros, etc. Blusas e vestidos de cambraia e seda bordada.* Vendemos as nossas sedas directamente aos consumidores e francas de porte ao domicilio.

SCHWEIZER & C.^E
Lucerne (Suisse) E. 12.
EXPORTAÇÃO DE SEDAS

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO: 800 REIS
Franco de porte em todo o Portugal por 2 francos.
DEPOSITO GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus, LISBOA

Companhia
***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas de Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louçã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha).

Escritorios e depositos
LISBOA—270, Rua da Princesa. 276
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado. Prado—Porto—Lisboa. N.º telephon. 508

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Meio seculo de successo
ESTOMAGO

O Elixir do D^r Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil.
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

OS REIS DOS PHAROES

Os PHAROES DOS REIS

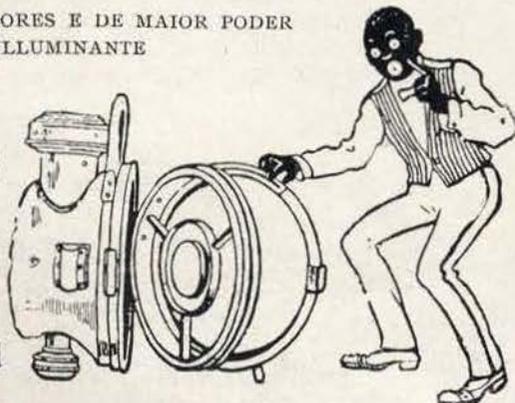
Os pharoes B. R. C.

ALPHA

SÃO OS MELHORES E DE MAIOR PODER
ILLUMINANTE

cetylène
dissous
B. R. C.

luminção
incomparavel



FAINEUF VENDE-SE EM TODA

PARTE OS METAES, ESPELHOS E VIDROS, FICANDO COMO NOVOS

Boas Rodrigues & C.^{ie}

BOULEVARD DE CHARONNE PARIS

PRINCIA VIOLET
Nouveau PARFUM 29, Bd DES ITALIENS, PARIS



CAMINHOS DE FERRO NOVOS A LINHA DO VALLE DO VOUGA



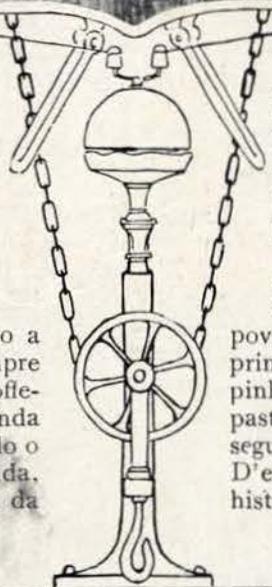
O valle do Vouga, com os seus opulentos pinheirais e a sua região complementar de intensa cultura agrícola, com a densidade da sua população de hábitos e costumes variados, constitue sem duvida um dos mais interessantes espectaculos paizagistas do norte de Portugal.

Quantos o disfructaram já sabem bem que não exageramos no elogio, e por isso a *Illustração Portuguesa*, que aproveita sempre avidamente todos os ensejos que se lhe offercem para exaltar a belleza d'esta nossa linda terra, não podia deixar passar despercebido o pretexto da inauguração da parte construida, desde Espinho até Oliveira de Azemeis, da

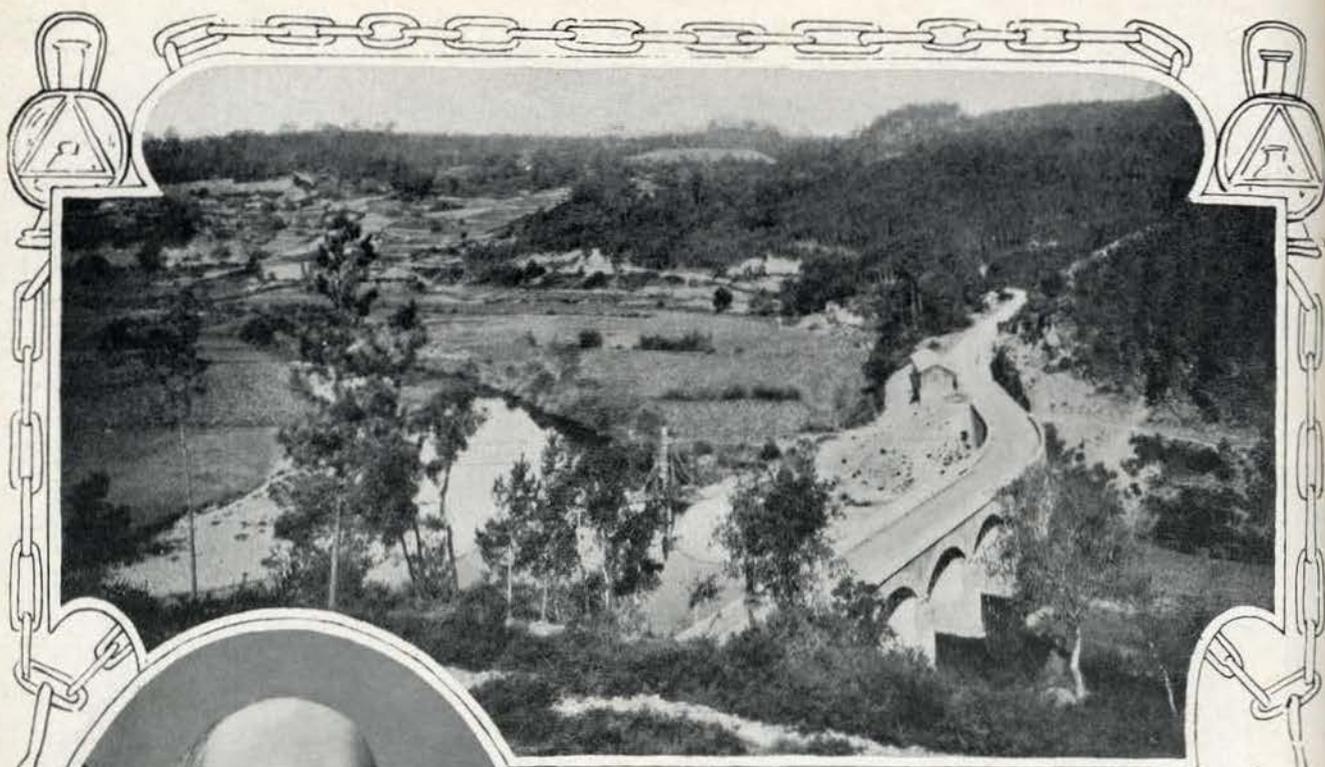
nova linha do Valle do Vouga, que se realisou por occasião da viagem regia.

Toda a região que a linha percorre é na realidade interessante e em grande parte verdadeiramente encantadora.

Partindo de Espinho, atravessado o areal e galgada a ponte de Silvalde, começa-se a subir atravez de pinhaes e de alacres povoações até á estação de Oleiros, de onde principia então a descer-se, sempre por entre pinhaes e campos verdes de cultura ou de pastagem, passando por S. João de Vêr e proseguindo para a povoação de Paços Brandão. D'esta, a nova linha segue directamente até á historica Villa da Feira, que alastra desde o



1—Ponte da Rata (Aveiro)
2—Vista geral de Agueda



1—Rio Agueda 2—O engenheiro sr. André Proença Vieira,
visconde de Assentiz
3—Vista da ponte sobre o rio Vouga em Pecesgueiro

valle até ás collinas que a circumdam o delicioso panorama das suas quintas.

Depois da Villa da Feira acaba a região dos pinhaes e já o aspecto varia: os valles são mais largos, a cultura mais intensa. Chega-se á graciosa povoação da Arrifana, da qual se gosa uma admiravel vista panoramica até ao mar, em seguida a S. João da Madeira, de onde se descortina a serra até ao Douro, depois a Cocujães, que deliciosos bosques rodeiam, e transposta a ponte lançada sobre a ribeira proxima sóbe se quasi ininterruptamente até á estação de Oliveira de Azemeis.

E', pois, um dos mais curiosos itinerarios dos nossos





caminhos de ferro, e não faltarão decerto excursionistas para o realizar, principalmente quando a nova linha tiver atingido o seu termo em Vizeu e estiver construído o ramal de Aveiro.

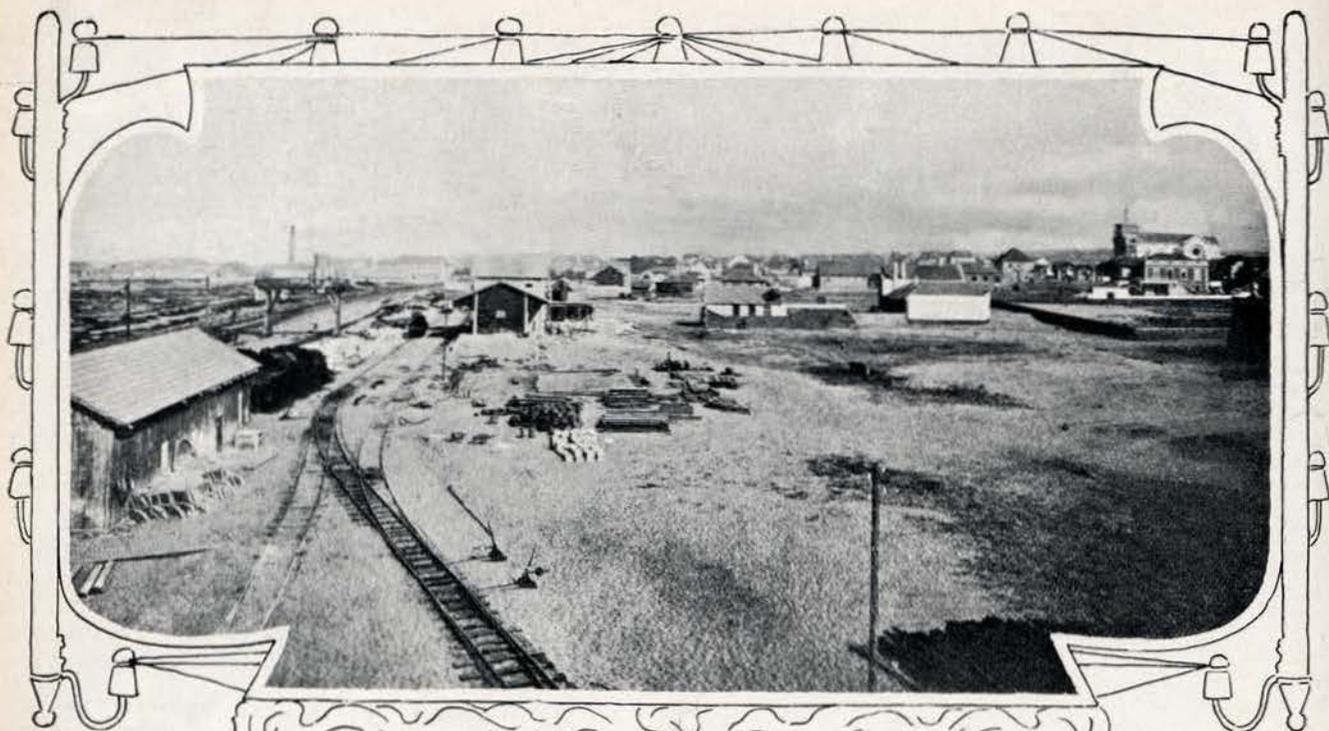
Os respectivos trabalhos proseguem, de resto, com a maior actividade, que contrasta com a lentidão e as dificuldades que assinalaram o início da construção. Bastará dizer que a primeira concessão da linha do Valle do Vouga remonta a 1889, mas que, apesar do lisonjeiro futuro que era fácil antever á sua exploração, dada a riqueza e a variedade da produção mineral, agri-

cola e industrial da região, só o anno passado se tornou possível emprender o seu lançamento. Encetada, porém, a tarefa, tem sido executada, justo é reconhecê-lo, com ininterrupta actividade e persistencia, tendo sido os 33 kilometros de Espinho a Oliveira de Azemeis, actualmente em exploração, concluídos com excepcional rapidez, sem que isso prejudicasse de nenhum modo, comtudo, o meticoloso cuidado posto no bom acabamento da construção, que é uma das mais completas e perfeitas conforme o aviso dos competentes.

Toda a parte technica, n'esse



1—Vista da estação de Villa da Feira
2—Vista geral da Villa da Feira e do Castello



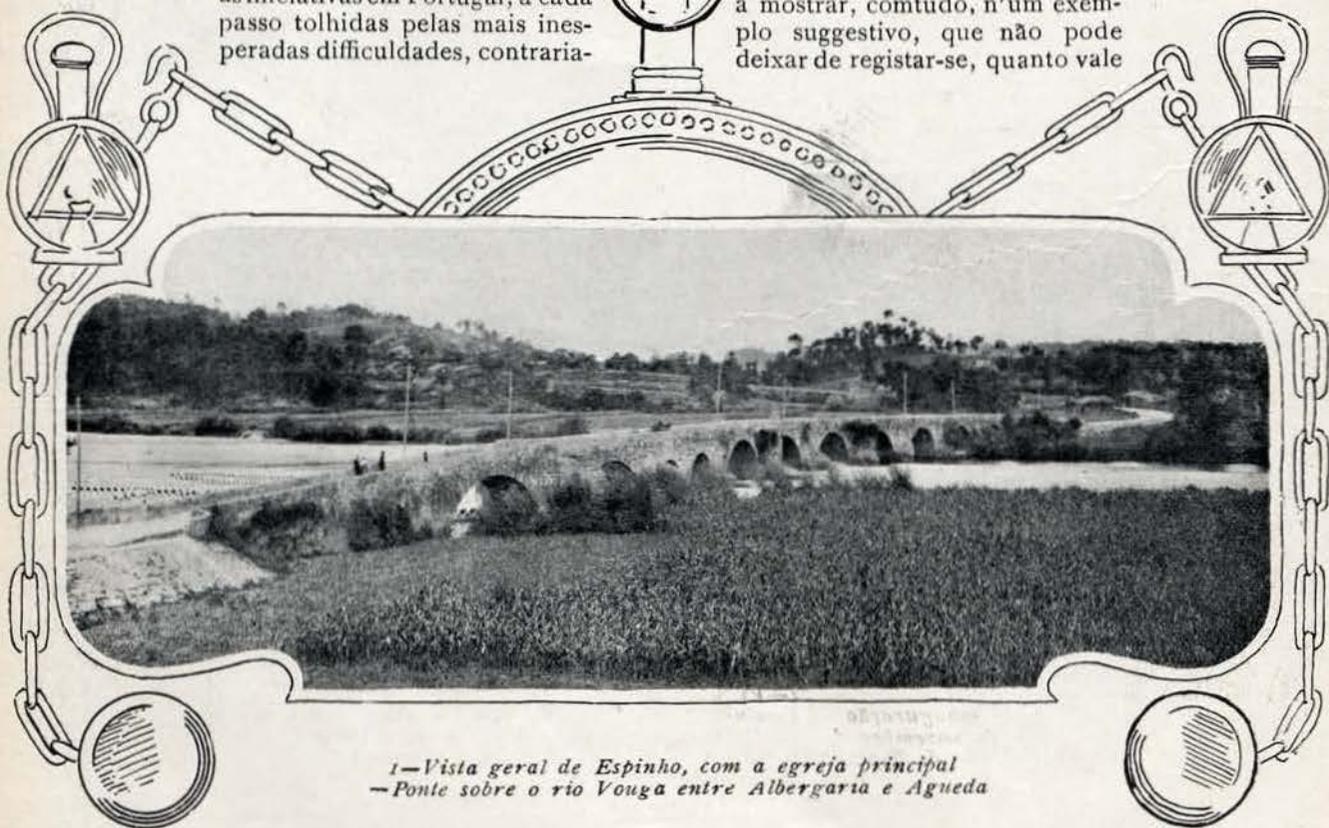
primeiro troço da linha, foi irreprezivelmente executada com solidez e perfeição, sendo as obras de arte, todas de cantaria e alvenaria, inextinguíveis em primor de acabamento. As estações são de um typo pittoresco, semelhantes ás das linhas dos caminhos de ferro economicos francezes construidos nos ultimos annos e ás das linhas da Saboia pertencentes á companhia Paris-Lyon-Mediterranéé.

Mas, para chegar a tornar n'uma realidade pratica o caminho de ferro do Valle do Vouga, que larga somma de esforços, que quantidade de energia, que teimosia de persistencia não foi preciso dispender primeiro! Pode dizer-se que é esta sempre a historia invariavel de todas as iniciativas em Portugal, a cada passo tolhidas pelas mais inesperadas difficuldades, contraria-

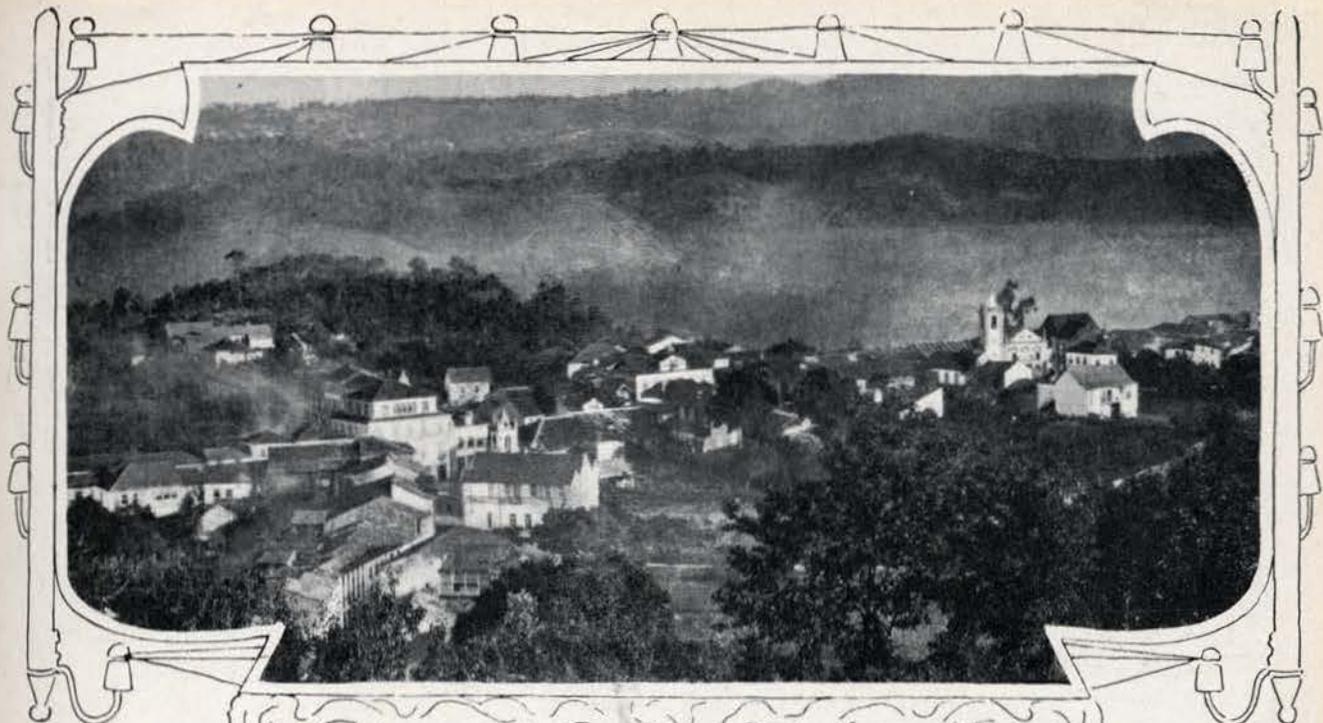
das por opposições de todo o genero, e muitas vezes, mesmo, sacrificadas definitivamente a más vontades e invejas mesquinhas.

E n'isso se perde, infelizmente, n'esta boa terra portugueza, tão digna de melhor sorte, bastantes vezes, o melhor do pensamento creador e do entusiasmo patriotico, que, apesar de tudo, ainda não arrefeceram completamente na alma espontanea e fortemente temperada da raça.

Essa linha do Valle do Vouga, — em que tantas dedicações se empenharam durante uma porfiada lucta de vinte annos, trabalhos e esforços de ministros, como o sr. conde de Paçô Vieira, e de engenheiros, como o sr. Carrasco Bossa, reclamações e impetrações dos povos, — ahi está a mostrar, comtudo, n'um exemplo suggestivo, que não pode deixar de registrar-se, quanto vale



1—Vista geral de Espinho, com a igreja principal
—Ponte sobre o rio Vouga entre Albergaria e Agueda



persistir nos intentos, porque a pertinacia acaba sempre por triumphar.

Deve-se, d'esta vez, esse triumpho ao animo emprehendedor, á vontade irreductivel e ao admiravel senso pratico do illustre engenheiro sr. André Proença Vieira, cuja folha de serviços era já larga anteriormente, e que, com a realisação da construcção do caminho de ferro do Valle do Vouga, acaba de conquistar um novo e valioso titulo honroso.

O sr. Proença Vieira, de quem é um dever falar mais amplamente n'esta occasião, fez o seu curso em Paris e depois nas escolas polytechnicas de Zurich e de Stuttgart. Esteve dois annos na commissão da correcção do Danubio, de onde veio, em 1885, para a nossa commissão de pharoes, e d'ahi successivamente para a sub-di-

recção do porto de Leixões, com a secção das

obras da barra do rio Douro, a seu cargo, e para a construcção do porto de Lisboa pela empresa Hersent. Esteve depois dirigindo as fabricas de alcool do centro do paiz, iniciando então a cultura da beterraba, como iniciou tambem a fundação da Companhia do Nyassa. Mais tarde, por encargo dos bancos de Paris, executou uma serie de estudos mineiros na America do Sul, cooperou na constituição do Banco de Venezuela, visitou a Russia e a Siberia para organizar o monopolio da platina, e collaborou na formação do grande syndicato que comprou todos os jazigos de enxofre da Sicilia.

E', como se vê, uma larga vida de trabalho indefesso e de constante actividade. Regressando ao serviço das obras publicas, o sr. Proen-



1—Vista geral de Vouzella
2—A inauguração do caminho de ferro do Valle do Vouga, no dia 23 de novembro de 1908: a passagem do comboio real pela estação de Espinho-Vouga em direcção a Oliveira d'Azemeis



1—Visita de S. M. El-Rei a Espinho: Na ocasião da chegada do comboio real
(CLICHÉ DO PHOTOGRAPHO AMADOR SR. RICARDO RIBEIRO, DE OVAR)

ça Vieira, que tivera parte preponderante na constituição da Compagnie Française pour la construction et exploration des chemins de fer, pôe assim, pelas suas valiosas relações adquiridas no mundo financeiro, conseguir fazer a linha do Vouga, cuja empreitada geral foi contractada com um engenheiro francez de experimentada competencia, o sr. François Mercier.

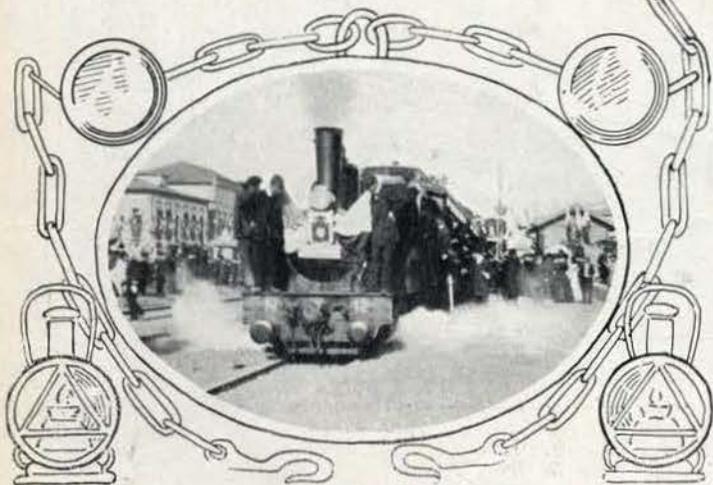
Tal é a phase final da longa historia do novo caminho de ferro, cujo primeiro troço se inaugurou no dia 23 de novembro.

A essa inauguração, que foi seguramente a primeira grande festa de trabalho do seu reinado, compareceu sua magestade El-Rei D. Manuel, que em todo o trajecto da linha, em Salvador, Oleiros, Paços de Brandão, S. João de Vêr, Feira, Arrifana, S. João da Madeira e Cocujães, emfim desde Espinho até Oliveira de Azemeis, recebeu das populações, por toda a parte agglomeradas, as mais vivas e sinceras aclamações.

Na sua minuciosa reportagem photographica da viagem real ao norte, a *Illustração Portuguesa* archivou já, opportunamente, varios aspectos d'essa festa e das recepções feitas ao soberano nos diversos pontos

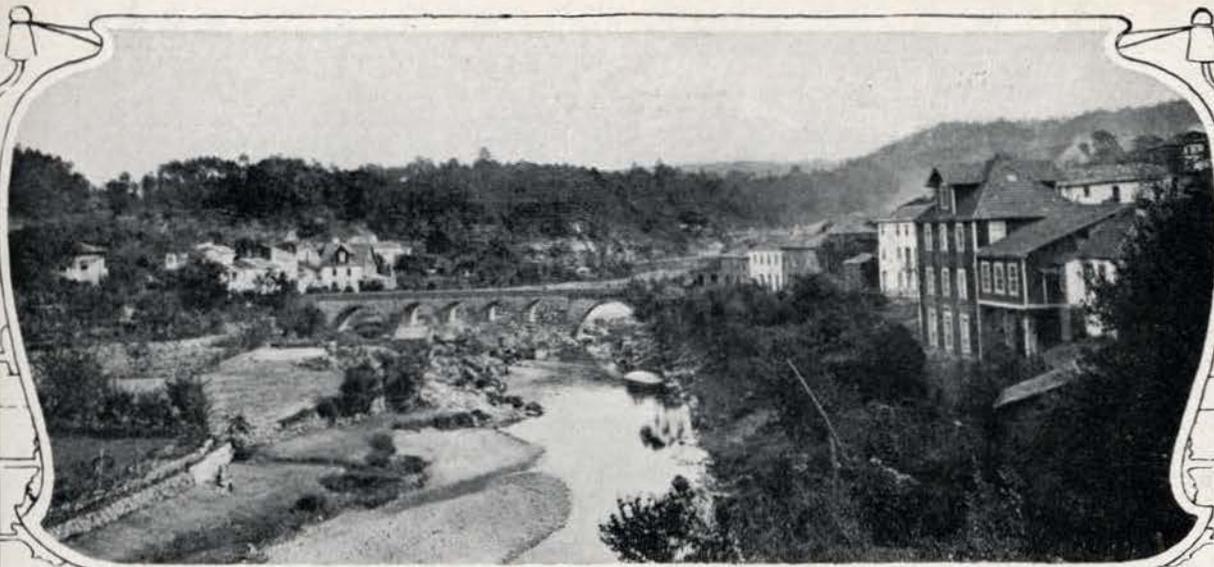


2—As sr.^{as} D. Julia e D. Carmen Pontrianne, filhas dos empreiteiros ao caminho de ferro do Valle do Vouga
3—Espinho: Partida do comboio inaugural da linha do Valle do Vouga
(CLICHÉ DE AURELIO DA PAZ DOS REIS)



da sua paragem. Faltava-nos, porém, evidentemente, dar aos nossos leitores, para satisfazer a sua justificada curiosidade, uma documentação mais completa sobre a nova linha do Valle do Vouga, e é a esse intuito que obedece o presente artigo.

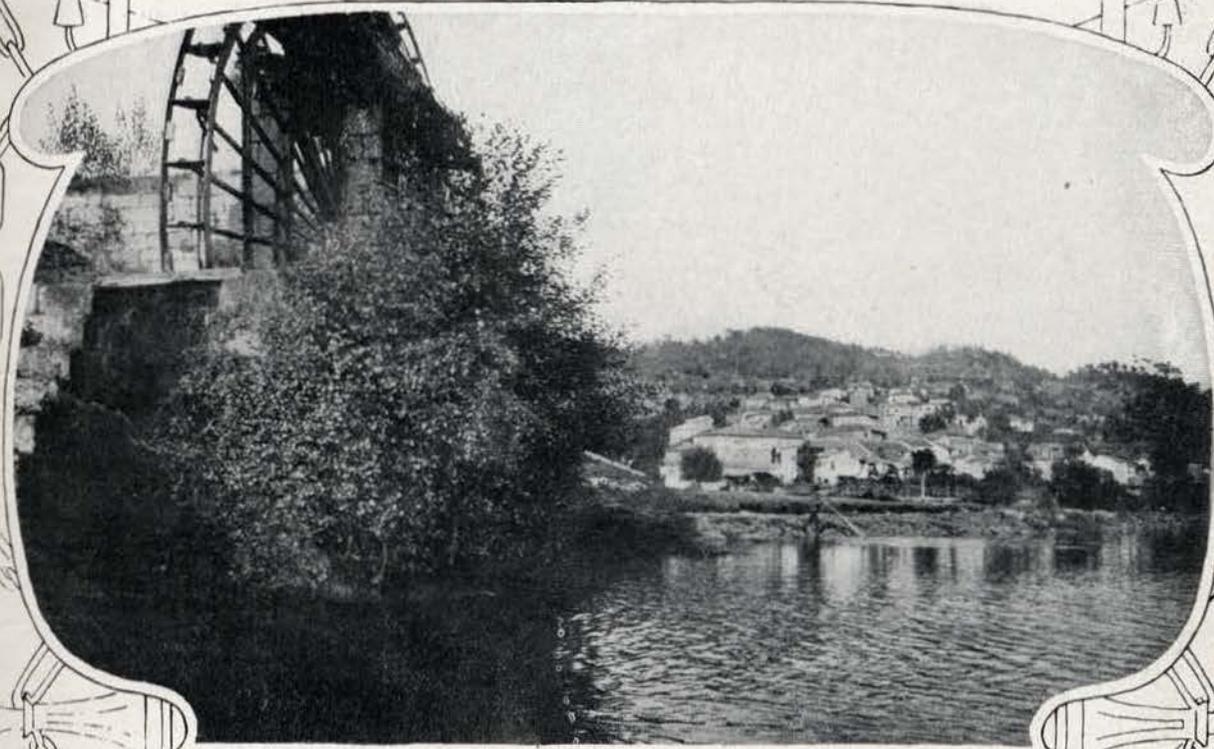
Logo que esteja completo, e sabemos que a construcção prosegue com a mesma actividade



que até aqui, o que garante que não será já demasiada a demora do seu acabamento, o caminho de ferro do Vouga constituirá por certo uma das linhas que os turistas frequentarão com maior interesse, para gosarem os deliciosos trechos paizagistas e panoramicos que se disfructam das diversas localidades que a nova linha serve, e que, com excepção de Aveiro, pode dizer-se que são todas pouco conhecidas e visitadas ainda, comquanto algumas d'ellas, como, por exemplo, a Feira, com o seu castello historico e de que se alcança um admiravel ponto de

vista, bem mereçam attrahir a attenção e a curiosidade dos que viajam para se divertir e para facultar aos olhos o prazer de bellos e radiosos espectaculos.

A linha do Valle do Vouga entronca com a linha do norte junto á estação da Companhia Real, seguindo parallelamente á mais bonita avenida de Espinho até á sua estação propria, e esta circumstancia servirá ainda mais, naturalmente, para facilitar a sua concorrência, pela importante commodidade que incontestavelmente representa para os respectivos passageiros.



1—Vista das thermas da Rainha D. Amelia
2—Vista da ponte de S. Pedro do Sul

FIGURAS E FACTOS

COLONIAS PORTUGUEZAS. — A nova ponte de Benastarim na India, ligando a ilha de Gôa com Ponda (Novas Conquistas). A obra foi mandada executar pelo governador geral sr. conselheiro Horta e Costa e dirigida pelo distincto capitão de engenharia sr. Pedro Bessone Basto.



O sr. Francisco Franco de Souza Junior, alumno de escultura da Escola de Bellas Artes de Lisboa, auctor da maquette do trophéo do xadrez

O XADREZ EM LISBOA. — No Gremio Litterario existe, como se sabe, um brihante grupo de jogadores de xadrez, que, por mais de uma vez, tem provado a sua superior pericia em partidas notaveis, apaixonadamente disputadas. Entre esse grupo de distinctos amadores e o do Royal British Club, não menos distincto, costuma reavisar se um match annual, para estimulo do qual vae ser executado um interessante «trophéo de xadrez», que alternadamente se conservará na posse dos vencedores.

Esse trophéo, representa um cavalleiro medieval, de 50 centimetros de altura, tendo por escudo o taboleiro escaqueado, com legendas apropriadas nas orlas. As casas brancas do escudo serão destinadas, no campo inglez, a gravar successivamente a data dos seus triumphos, e no campo portuguez a gravar tambem as respectivas.

DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO



A passagem da linha: antes do baile

O meu beliche, do tamanho exacto d'um caixão, e que a agencia de Lisboa me alugou por 28 libras em ouro, para n'elle, como n'um cadinho, enfiar e embalar 12 noites a trouxa do meu corpo, está cêrca de um metro acima da prateleira onde o hespanhol estende, encalmado, toda a manhã, a magreza nua e felpuda.

Tapetes verdes, pinturas brancas, mobilia torrada, de mogno.

Além das nossas prateleiras, encheo um minuscuro guarda-fato, um duplo lavatorio que embute na parede ao despejar, um desmantelado telephone e um divan. Juntem a isto o melhor de cinco malas de mão... e de pé, uns nove pares de botas (o que dá, conforme verificámos, 4 botas e um quarto por cabeça, por andar boiando ha dias, n'um par desmantelado, uma bota minuscuro, mas de cano gordinho, de senhora), as andainas de grande e pequena gala, boias de salvação, pulgas, baratas e moscas, e estão a vêr como corrente será, no arranjo apressado á noite para o jantar, entrarmos d'enfiar. eu e o hespanhol ao mesmo tempo, cada qual uma das nossas pernas no cano

da mesma calça. De resto o engano é natural, porque n'esta intimidade forçada, em que o 94 nos embocetou, succede que topamos com uma confusão estranha d'objectos eguaes e maneiras identicas de cuidar a pelle. Exhibo eu por exemplo a minha Gillette para me barbear, olho de revez o meu visinho e topo-o, como eu, a barbear-se com uma Gillette equal. Empôo com Colgate a minha cara assada da raspagem e vejo-o a encher a mão do pó d'uma lata equal á minha; perco o meu mólho de chaves chatas, enfiadas n'uma argolita de prata, e encontro o mólho de chaves do hespanhol, com o mesmo feitiço americano e enfiadas n'uma pequenissima argola de prata. Confundo o meu jaquetão azul com o seu jaquetão azul, os meus suspensorios lilazes com os seus suspensorios lilazes. E quando envergo a minha camisa de dormir, com os caracteristicos bordados pelintras das 100:000 camisas de Paris, vejo-o a considerar, sorrindo, os bordados banaes da camisa lavada que vae envergar... comprada nos armazens das 100:000 camisas de Berlim!

E no dia em que ao arumar a mala elle exhibe,

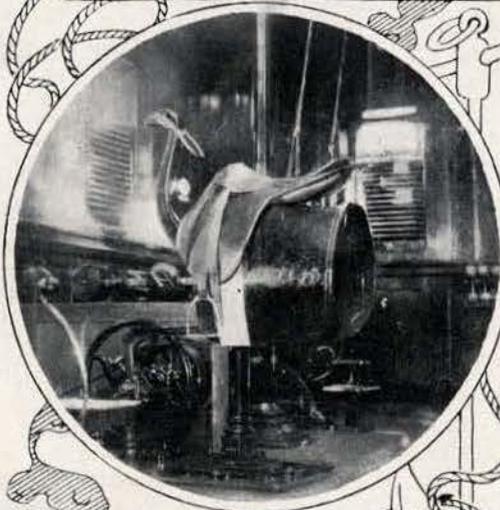
como novidade de criação recente, uma minúscula *Browning*, que cabe na palma da mão e mata sete facinoras d'enfiada—elle vae para a Argentina e vae para o campo—eu sacco, no mais livido dos seus espantos, do bolso trazeiro das minhas calças, uma pistola perfeitamente igual á d'elle.

Um pezadello!

Domingo. Assim o annuncia com suavidade a fanfarrá de bordo no começo da manhã fresca, n'um unisono lento, cheio das bênçãos d'um Senhor sentimental que vae repousar hoje da tristissima tarefa de me ter feito a mim e mais ao mundo.

O mar acalmou. Faz sol. E esse sol prateia ao longe o pico de Tenerife, uma vaga, vaguissima sombra cortada, como lhe compete por uma vaguissima sombra de nuvem como n'um apagado leque japonéz o cume desbotado do Fusi-Yama.

Ha missa a bordo, porque ha a bordo dois padres tristes. No salão das festas, em



cima do piano amarello, horizontal e immenso, pousa o missal d'encontro a uma mala que um crucifixo encima e duas velas ladeiam, e que um volume da *Illustração Americana* especa. O aspecto da sala é o mesmo de sempre. Gente deambula na lufa-lufa ociosa de bordo. As cadeiras teem a sua distribuição desprendida de todos os dias. Mas, pouco a pouco, como n'uma egreja, damas entram com o seu chapéu de gala, plumas, flôres, *écharpes* graves, trajés de côres sombrias. Dir-se-hia terem para ali vindo de trem algumas... outras de Tenerife e de passeio! Benzem-se, ajoelham cêrca dos fauteuils. Encostam a meditação ás esquinas das secretarias, põese a contar o rosario nas pedras dos dominós abandonados. A uma até, quando ergue a cabeça de sobre a mão enluvada que crispára d'encontro ao docel d'uma poltrona, acontece-lhe limpar o queixinho empoado ao sacrilego panno verde d'uma mesita de jogo que a mão suppunha ser o lenço de cambraia. Gralham creanças no recreio ainda fresco do *deck*. E quando levanta a Deus, e a Deus acorda (para que elle saiba que com elle falam) o tilintar da campainha, toda essa galhofa de passarinhos invade com irreverencia o templo profanissimo e uma queda de cú faz d'um ben-



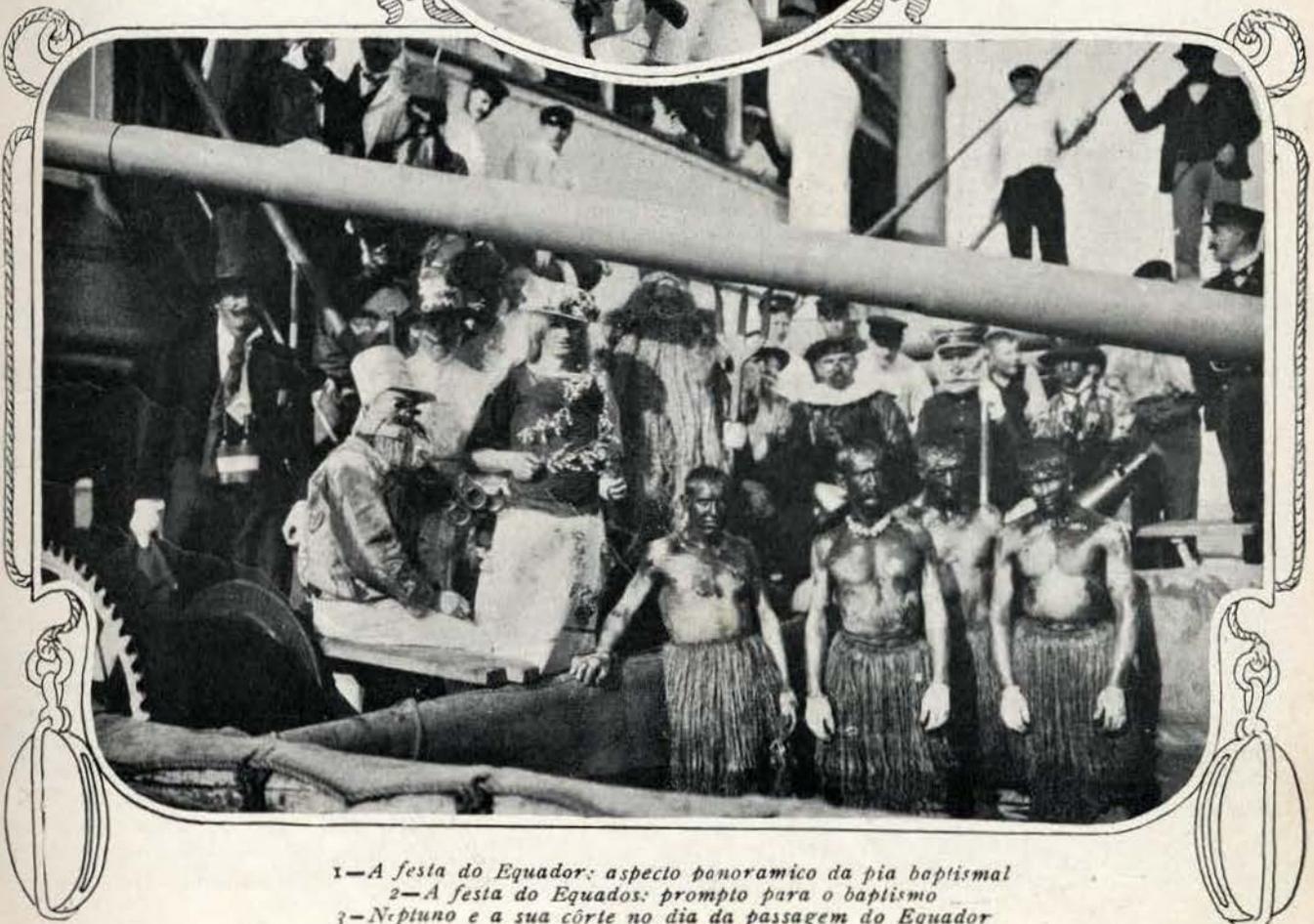
1—A festa no Equador: a barba antes do banho
2—O cavallo da Turnsaal (Gymnasio)
3—A festa do Equador: Neptuno, o deus de todos os mares



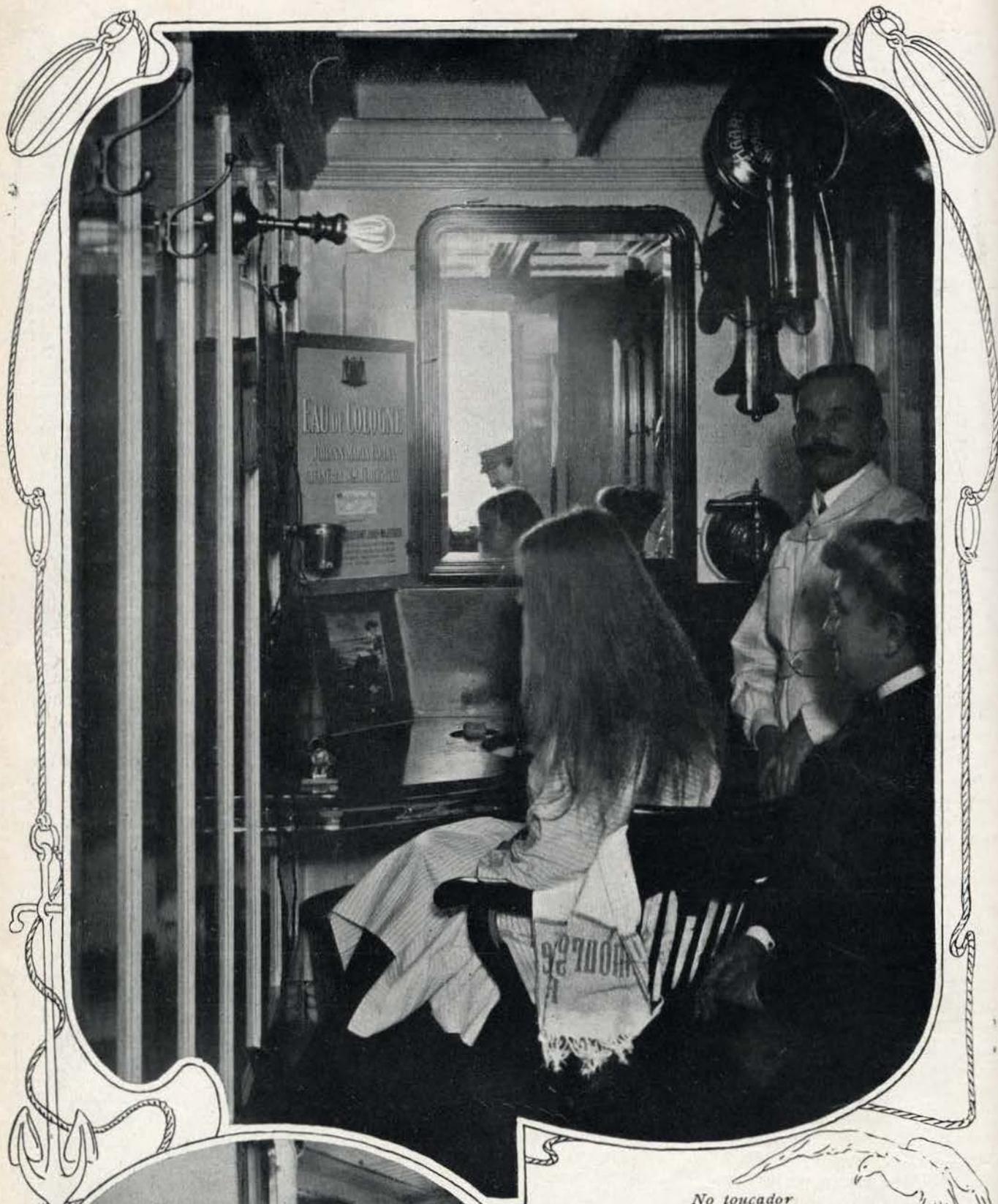
to gorducho uma gaitinha.
 Mas foi Deus servido e
 louvado... na primeira clas-
 se do paquete em cima de
 um piano de luxo e sobre
 um tapete tão fofo que pa-
 rece ter sido feito por anjos
 para precisamente Deus e
 eu ali repousarmos!



E á pôpa e á prôa a
 leva miseranda que se aco-
 gulam e comprimem e ti-
 ram já d'essa compressão
 a resistencia ou a morte
 que os ha de escolher e
 dizimar... a esses, se em
 Deus acham consolo, ne-
 nhum ministro do bom Deus



1—A festa do Equador: aspecto panoramico da pia baptismal
 2—A festa do Equador: prompto para o baptismo
 3—Neptuno e a sua côrte no dia da passagem do Equador



No toucador

—A vida habitual de bordo



lhes foi com tal consolo a matar saudades e diluir tristezas!

Não importa. O fervor das madamas, porque o mar está um lago e a manhã é d'ouro, é compenetradissimo como convém a devotos á mercê de Deus, por sobre as ondas, e profundamente galante como proprio é de quem traz na bagagem, de Paris e da Civilização, o requinte que a Civilização distilla e sublima em labores e em fórmulas.

N'estes tres ultimos dias, a mulher, e sobretudo a mulher sul-americana — valha-me Deus, aqui malissimamente representada! —

deixou que lhe espregueitasse em tres das suas faretas de cystalida tres estados ditos d'alma, se é que a alma se agonia, come e resa.

Passada a desmoralisação do enjão, como que renasce cobra linda, despindo a fetidez da pelle viscosa e molle em que se enrolára, n'um canto de cadeira arripiada e chupada —frangalho sacudido ao ar rijo do mar. — E cobra linda, e cobra pretenciosamente tentadora, toda

quasi Imperio.

Estrangulam algumas com tiras de ouro os cabellos de ouro, enchem outras de estrellas coruscantes o negrume sedoso dos cabellos negros. E ou sob rendas de harmoniosas linhas, ou vincado pela subtileza dos bordados, ou nublado pela leve e descorada camada d'estofos, tão leves e descorados como pó, o corpo das airosas todo elle se deixa adivinhar, palpar, sentir, no feitio, na vibração, na tepidez...



Na sala de gym-

nastica de bordo

ella sae do enjão, como da Biblia, em fôrma de gomil e fingindo desvanecer o corpo lubrico em atafios de mais lubricidade, vem cheia de graça, cheia de rendas, cheia de joias, cheia sobretudo de vaidade, sentar-se á mesa do jantar como n'um festim de cêrca de tres centos de convivas entre as scintillações dos vidros finos, dos vinhos de côr rosa e leve, dos salpicos dos fructos.

E ao mesmo tempo que rythmicamente, surdamente como fabrica, ao longe arfa o vapor, uma vibração leve estremece as cadeiras fofas e um imperceptivel balanço nos embala, a orchestra começa a sua faina definitiva de diluir em pulverulento sonho o grosseiro atafulhamento da materia.

E' esta a phase mais interessante da mulher a bordo. E' esta a hora do seu maximo luxo. Nas mesas mais de escolha (excluo as longas mesas centraes) ha grupos



A bordo: palestrando

no deliquio! Ora tudo isto em phrase, já se vê, mais chã, e n'um rubicundo hespanhol, faço eu notar com o entusiasmo da sobremesa — que um *Laubenheimer* côr de palha orvalha — ao meu visinho do 94. E nos tropogalhpos da arenga castelhana não resisto á phrase profunda e synthetica:

— «A mulher, meu triste amigo, é, indubitavelmente e por culpa nossa, o mais corrosivo dos nossos caprichos. Quando d'ellas saímos logo com ancia lhes abocanhamos o peito santo. E quando n'ella reentramos sempre com delirio lhes mordemos a coxa maldita! Ella achando sempre adoravel a brutalidade, vinga-se d'essa brutalidade! Arruina-nos, amollece-nos, sorve-nos a energia. E' ludibrio nos gosos e realidade nas angustias. Para ella, meu agoniado amigo, corre este navio na inconsistencia d'estas vagas, para ella viaja aquelle senhor de nariz rubro e mais este sem côr no na-

riz, por nariz não ter, e precisamente porque em holocausto a uma ella cedeu com o coração e as restantes miudezas. E tudo, e todos, para ella trabalham e a desejam e a querem — já reparou bom amigo que o Rheno é ouro liquido? — Oh! como eu comprehendo com uncção e acatamento que com essa joia, com essa decorativa joia que ella é, se dispendam fortunas para a exhibir bem lapidada e brilhante. A mulher — *olé, não hay que decir-lo* — enfeitamos a vida...

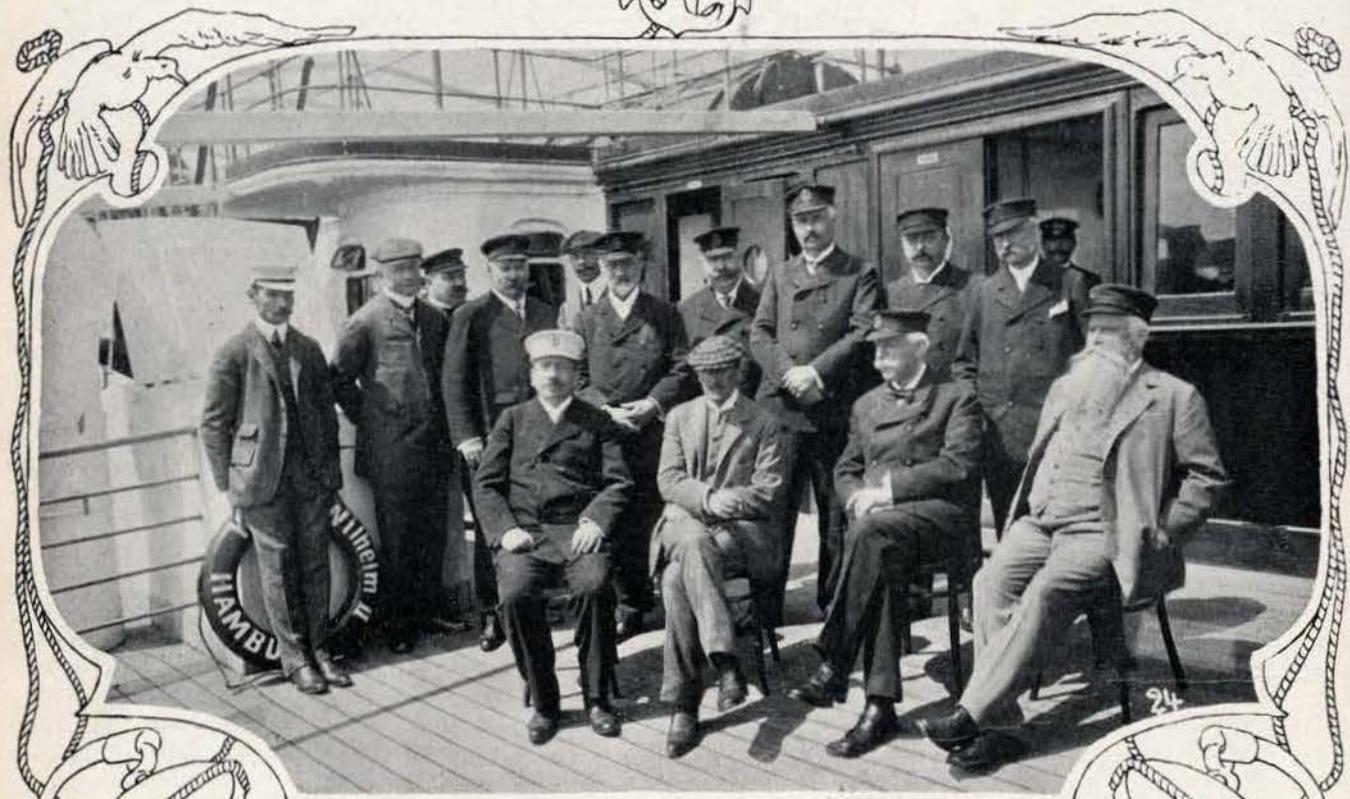
E o meu amigo hespanhol, bem empapado na minha tosca tirada e no meu Rheno, concordou, mas concordou com serena restricção:

— Si, si... La mujer... en la vida, muchas veces... la mar de veces... todas las veces... no hace más que adornar-nos!

Neptuno — *Gott aller Meere* — Deus de todos os mares, entrou hontem a bordo, á hora do assado e do Champagne, a annunciar a Herr

modos e eu vou pouco de peito a ter questões... e muito especialmente... com allemão!

Dando pois as boas noites com voz estentorada como a um Deus grande cumpre, cofiando com uma das mãos as longas barbas, de estopa e algas, abordoado a um tridente, envolvido n'um impermeavel de salva vidas, com duas garrafas agalhetadas a tiracollo á laia de binoculo, a cabeça coberta com uma alcofa de palha, á mosqueteiro, e com a *cocarde* allemã, já se vê, na parte da aba ale vantada, o nariz de papoula e as bochechas de zarcão, Neptuno tropeja dando volta á comprida sala. Acerca-se do commandante, dá-lhe a honra confiadissima de um aperto de mão (Neptuno é todavia fóra d'ali um simples marinheiro) e faz o seu pausadissimo discurso. Pelo que percebo de allemão concluo que resou a ladainha... Pede ao capitão a lista dos neophytos e vae-se como entrou, solemnemente, batendo com estridor no tapete o topo do tridente e as botas ensebadas.



Grupo tirado a bordo de um dos vapores da companhia em que se vê, conjuntamente com os directores, o duque Alberto de Wurtemberg (o segundo da primeira fila)

Kapitan e a *Herren Passagieri* que iamos ao fim d'esse dia mudar de hemispherio e que occasião era de baptisar os que ainda tal façanha não tivessem commettido.

A entrada do monstro, inesperadamente, em tal momento, entre o deslumbramento da electricidade e o palpar de joias ricas em collos de volupia, fez um arripio (que me pisou o polimento do sapato) a uma velha allemã que tenho ao lado na mesita onde como e onde, sempre que não ha balanço, a velha para minha tortura tambem come... bastante pão torrado que duas, tres e quatro vezes exige que eu lhe sirva, mesmo que o pão esteja mais perto d'ella que de mim. Gracinha mais incomprehensivel para mim que o traste do meu creado! Mas tenho que a servir, porque m'o pede sempre com maus

E hoje (deviamos ter passado rente á 1 hora o Equador) ainda Neptuno precedido da musica de bordo e rodeado de mais entrudalhada faz a volta ao navio. Vão-lhe na piugada tres cafres, por completo besuntados de pêz e apenas vestidos com saiote curtissimo de cabos descochados que na cintura grossa lhes quebra a indecencia.

A' prôa do *deck* em galeria a matulã pára. Neptuno condecora com muita gravidade o commandante e officiaes que ao desvario assistem com gravidade equal. Recitam os do bando, cada um de per si, tiradas explicativas do que são. Um é o barbeiro que tem uma navalha de dois metros, o outro compete-lhe fazer parar o sol para lhe tomar a altura com um sextante de cartão e zinco...

Chistosissimos, mas ainda

chega o meu alemão para lhes ter surpreendendo a ladainha! Que, para mim, é só o que elles dizem. Terminado o auto, o proprio commandante, como quem grita uma manobra, faz a chamada dos passageiros a iniciar no hemispherio novo onde o navio já singra—e outra vez começa de singrar aos trambulhões...

As senhoras, ao mesmo tempo que se lhes entrega a certidão gloriosa, é-lhes humedecida a carita

ctadores, que se debruçam de todos os andares do predio n'um ruidoso delirio.

Ao jantar prosegue a festa. Foi convidada a juventude para um baile de *disfarces*, e já mascarados se sentam á mesa entre palmas e risinhos.

A princeza vem de grande gala, exhibe umas enormes azas de tarantula na cabeça de mel. Está medonhissima!

E a não serem *dos tur*



1—Escolhendo um bom charuto

assustada com a agua do mar d'um pequeno pulverizador e mais ladainha—estes alemães a declamarem!...—lhes vae resando o que as asperge. Terminada a cerimonia com as damas, desce a galhofa á coberta de baixo, enthrona-se Neptuno á beira d'um vasto e fundo tanque de lona, transbordante e para onde uma mangueira despeja incessantemente um jorro de agua do Equador.

Nova chamada, agora dos senhores, prevenidos desde a vespera que o traje branco e simples seria o mais adequado ao caso. O qual caso consiste em os sentar á beira do tanque de lona (onde os cafres negros estão já até para cima da cintura mergulhados) em lhes lambusar a cara de sabão n'um simulado começo de barbeio e em os jogar de costas com um brusco repelão á agua do tanque, onde os matulões dos pretos os fazem por completo mergulhar... e á bruta.

E é assim o baptismo aos cavalheiros dado por entre os uivos dos espe-

2—A bordo: as passageiras matinaes

cas... com *pantalones* (como, com muita perspicacia brejeira sublinha um menino peruano de dez annos) e uma inglezita transparente vestida de marinheiro e com os palititos das pernas a bamboarem nas calças de trazeiro derreado e mal cheio do ar do Equador... o resto é de salão da Trindade e de *Gaimboroug*... da Argentina... Apenas, e até ao fim do jantar, despercebido, um imberbe joven vestido de mulher, tão bem de mulher estava e tantissima gente ao que parece desejaria que de mulher se deixasse estar, que passada o Champagne teve o *monissimo* moço que agradecer com a sua vozita de fifa suavinha as duzias de bilhetes e cartinhas com que durante todo o jantar os entendidos e, vamos, tambem as entendidas, lhe crivaram a fofa belleza de Ephebo.

Efectuada a classica passagem dos sorvetes de luz—corrida a corrente electrica e n'uma repentina obscuridade, pequeninos castellos luminosos e vermelhos parecem vir pairando, muito





bem alinhados, em bicha, não se vendo, é claro, os vinte criados que os seguram e caminham ao som de uma marcha compassada e diabolica—isso visto e applaudido, sobe-se glotonamente ao baile... entre timonadas, trambulhões, bandeiras, lanpadas multicores, risinhos frouxos e semsaboria. E o doutor de bordo, que toca harmonio (!) como um pessimo padeiro da Madragôa, pavoneia entre as damas d'olhos babadissimos, muito conquistador, a heroicidade do seu baptismo (ainda não tinha trazido o harmonio ao hemispherio de baixo) e o porte da sua belleza de homem... que toca harmonio. E o caso é que por duas vezes a princeza que assiste á festa deixou cahir os calções de seda com fitas de ouro, até escandalosamente se começarem a rir para cada um no

arregace da sua longa, longuissima saia de espuma branca, de que ella pendura a cauda do seu reboliço braço debruado de ligeira espuma preta...

20 de outubro.

Já o rasto das bandeirinhas da H. A. L. tapou nos mappas de bordo toda a extensa e turva tirada que vae do cabo de S. Vicente portuguezá ponta de S. Roque, brazileira. O ceu é d'uma leveza luzitana. O arfar do paquete é arfar de menos oppressão.

E sobre o mergulho mysterioso do horisonte, fchas de madreperola e, encontradas n'um tenue azul de hortense, decerto cobrem já Terras de Santa Cruz...

ARNALDO FONSECA.



1—Grupos de palestra 2—O gigante que dorme. Desenho com o perfil das montanhas que no seu conjuncto semelham o «gigante que dorme» A entrada da barra fica á direita
(CLICHÉS DO AUCTOR E DO ATELIER SCHAUL DE HAMBURGO)

-A-FESTA-DA-ARVORE-

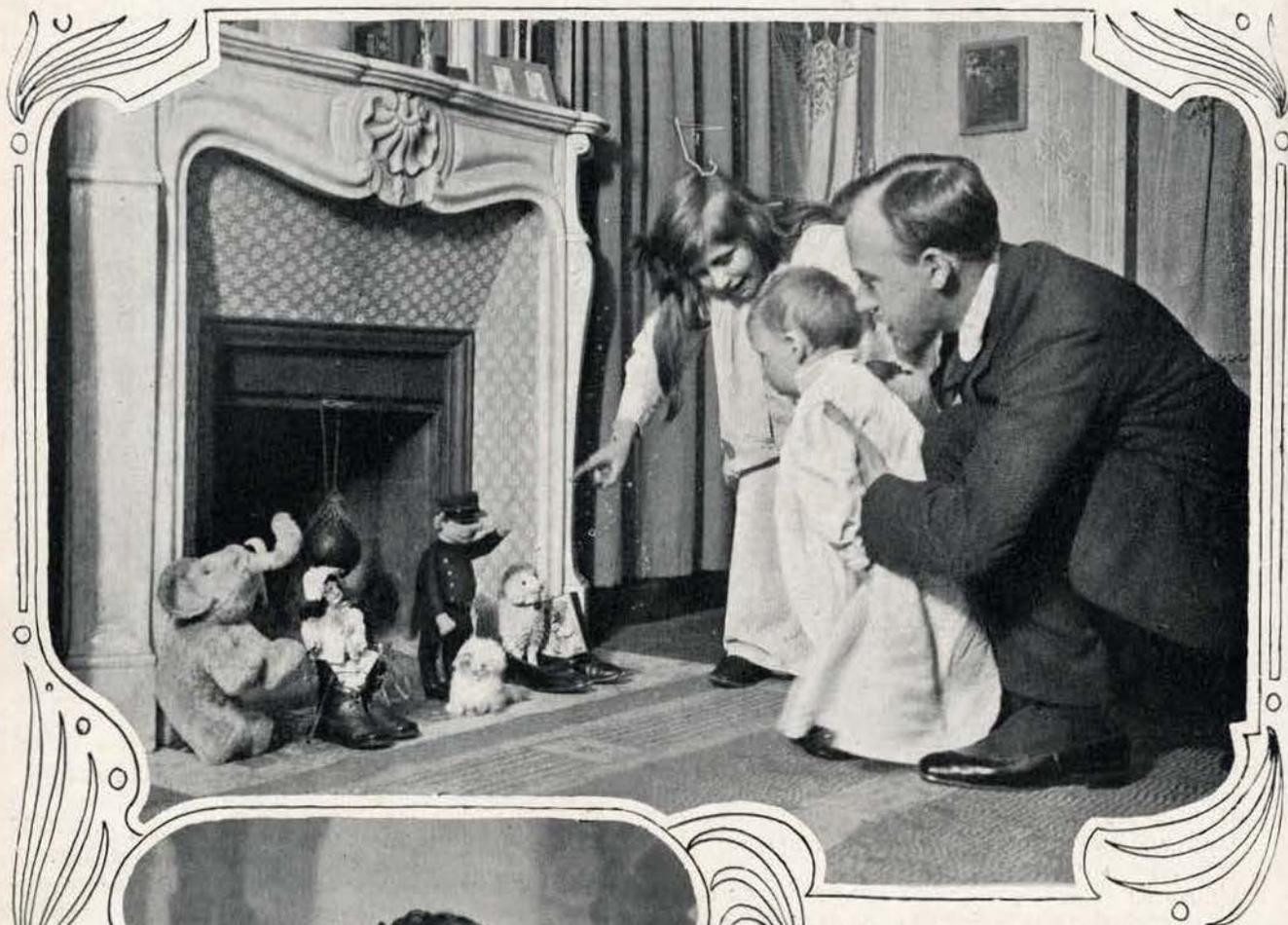


A plantação de uma arvore por uma alumna das escolas primarias

A festa da arvore, que se realisou no dia 22 de dezembro, foi uma das mais concorridas de quantas até hoje se teem celebrado em Lisboa. As crianças das escolas primarias, tanto officiaes como particulares, fizeram na Avenida Casal Ribeiro, a nova arteria que liga a praça do Duque de Saldanha

2—Os membros da Liga Nacional de Instrução e os representantes da Camara Municipal de Lisboa com o bairro Estephania, a plantação de 68 arvores. Assim, uma das grandes ruas modernas da capital foi arborizada por completo pela mocidade das escolas, ao som de hymnos e cantos infantis e no meio do enthusiasmo alacre e da viva alegria, que são o bello apanagio d'essa idade.





O NATAL EM FRANÇA. — A festa do Natal, universal nos paizes christãos, é, em todo o caso, celebrada por fórma diversa em cada um d'elles. Em França a tradição do *bonhomme Noel*, que vem depôr os brinquedos na chaminé familiar, dentro dos sapatos que lá foram postos na vespera á meia noite, mantem-se ainda vicejante, como o mostra, n'um quadro risonho, a photographia que publicamos e que constitue uma especie de complemento ás que inserimos no numero antecedente, do Natal na Allemanha.

O nosso Natal de Portugal, com os seus poeticos usos tradicionaes não é decerto menos interessante que os estrangeiros, e são bem saudosas as recordações que elle acorda no coração de nós todos. Em cada parte, porém, a grande festa familiar do anno offerece o seu character especial, e foi isso o que pretendemos mostrar com a reproducção das photographias referentes ao Natal na Allemanha e em França.

(CLICHÉ DE CH. DELIUS).

ZULMIRA RAMOS. — Publicamos o retrato d'esta nova e gentil actriz, que ha pouco se estreou no theatro do Principe Real, no *Frei Luiz de Sousa*, e que tão espontaneamente conquistou desde logo as sympathias do publico.

(CLICHÉ DA PHOT. FERNANDES).

CONCERTOS HISTORICOS

As iniciativas de arte, no nosso paiz, são raras. Cabe agora a uma grande artista portugueza, espirito scintillante, disciplinado por uma segura instrucção musical, a sr.^a D. Sarah Motta Vieira Marques, a honra de ter organizado uma serie de concertos historicos, deveras notaveis, e em que foi secundada por todos os que, n'esta terra, teem o culto da arte e de tudo o que é bello. A noticia das sensacionaes *matinées* musicaes foi recebida por nós com uma emoção profunda. E' que adoramos a musica e não podiamos ficar indifferentes ao trabalho colossal que a organização d'um programma tão completo representa.

O espirito moderno já se não satisfaz com as impressões immediatas, quer a emoção consciente, reflectida. As grandes maravilhas da arte apparecem-nos mais bellas, quando mais as contemplamos e estudamos. Tornam-se-nos hoje necessario conhecer a obra de cada auctor, seja a criação litteraria ou musical — na tela ou na esculptura — atravez da relação do meio social em que foi elaborada, e mais ainda, na evolução ascensional das fórmas estheticas, que de rudimentos ou esboços anonymos se elevaram á belleza em absoluto universalizada. Dá-se esta exigencia nas audições musicas. Quem poderá dignamente comprehender um compositor, sem conhecer a sua epoca historica, a phase do progresso artistico a que pertence, os elementos já inventados (de que elle se serviu), as formulas que adoptou, as que annullou, os novos horisontes que abriu á imaginação, e a expressão que sou-



A sr.^a D. Sarah Vieira Motta Marques, a illustre e fidalga artista que organisou no seu palace e da rua Athayde os sensacionaes concertos-historicos



— O sr. Antonio Ferreira Marques



be dar aos sentimentos, enfim, como soube inspirar-se?! O quadro historico de qualquer fórma de arte é que pode satisfazer este pensamento e dar-nos a plena comprehensão de cada genio individual.

Presidiu este pensamento luminoso nos concertos organizados pela sr.^a D. Sarah Motta Vieira Marques—o determinar-se a successão dos genios creadores, que desde Palestrina (1515-1594) até Massenet e Strauss, representa a evolução assombrosa do pensamento musical na sua expressão esthetica exteriorisando-se pelas mais bellas fórmas que se foram transmittindo, transformando e inventando n'essa criação dos quatro typos musicas—da *melodia*, da *harmonia*, do *rythmo* e do *timbre*.

Vamos precisar os grupos dos compositores dos quatro concertos especiaes.

—Palestrina (1515-1594), Peri (1600),? Monteverde (1566-1650) Cavalli (1676), Haendel (1685-1759), e Bach (1685-1750).

Cabe a Palestrina a gloria de ter tirado a musica moderna das fórmas banaes. Não podemos, n'um pequeno artigo de critica, fazer a exposição do que

cessão de accordes menos consonantes descobrir certas relações de afinidade das quaes podia rascer um puro desenho melodico!

Por este processo, o sentimento religioso attingiu essa expressão calma e grave, solemne e cheia de emoção, embalando-se em uma tonalidade vaga, indecisa, em que a alma paira como que em um dominio infinito. Dalibicheff considerava esta musica palestrina como uma grandiosa harpa eolia.

Estava creada a escola de Roma, que ia influir no apparecimento nas outras escolas de Napoles, de Veneza e Florença, que imprimiram a feição artistica de cada região ethnica á unidade da musica italiana. Os nomes de Peri e Monteverde representam a primeira ideia do drama musical; essa ideia é uma revelação do genio florentino, quando procurava fazer, no impulso da Renascença, a revivescencia da tragedia antiga da Grecia, cantada, declamada e movimentada pela animação dos côros. Assim, a opera italiana foi na sua origem uma declamação cantada e a melodia limitava-se a um recitativo, dando a orchestra esse colorido musical, que um se-



Os conferentes:
 1—O sr. Antonio Arroyo
 2—O sr. Manuel de Oliveira Ramos
 3—O padre Thomaz Borba
 4—O sr. Ernesto Vieira

foi a acção do celebre compositor; basta esboçar rapidamente o que foi a maneira *palestriniana* fundada na harmonia, isto é, a successão de accordes perfeitos. Forçado pelas exigencias pontificaes a restringir-se aos mais rudimentares elementos, é que Palestrina soube realisar as suas creações immortaes. Com o poder do genio conseguiu na suc-

culo depois foi conscientemente estabelecido e systematisado por Gluck. Peri, Carissimi e Monteverde puzeram em musica poemets de Rinaccini; crearam o drama musical, operando d'um modo tão vigoroso a transição da arte escolastica e substituindo a tonalidade antiga pela moderna d'uma fórma assombrosa. Depois d'este passo ca-



pital, seguiram-se novas criações: Cavalli, mestre da capella de San Marcos de Veneza, seguindo com escrupulo a fórmula do recitativo, desenvolve d'elle, timidamente—a aria, composta ainda de duas estrophes, com o intermedio d'um retornello.

Scarlatti e Benoncini criam o recitativo cadenciado, uma quadratura determinada á phrase melodica, dando interesse vivo aos acompanhamentos. N'esta

marcha, o genio musical italiano cultiva as suas faculdades melodicadas e leva á perfeição os estudos vocaes, creando as fórmulas da musica sacra e profana. Monteverde, pelo seu genio audacioso, funde os dois generos; cria a harmonia dansante.

N'esta via nova avançou Carissimi. Dois grandes espiritos completaram o edificio da cons-

2—A sr.^a D. Maria Emilia Lino, a distincta artista que cantou musica de Palestrina, Pergolese, Rameau e Weber.



3—A distincta pianista sr.^a D. Ernestina Freixo prestou-se, com a sua arte inegualavel, a fazer todos os acompanhamentos das illustres cantoras que tomaram parte nos concertos historicos.



1—A sr.^a D. Laura Savinet Bandeira, pintora de merito doublée d'uma amadora de canto hors ligne, tambem se fez ouvir nos concertos historicos de Madame Sarah Marques
4—O gabinete de «toilette» da sr.^a D. Sarah Vieira Motta Marques



tracção musical: Haendel, nas grandiosas execuções orchestraes, e Bach systematisando as fórmulas no desdobramento racional da *Fuga* até tornal-a um meio de expressão. Ninguém levou mais longe do que

Bach a arte das combinações sonoras e harmoniosas, tornando a arte da fuga um processo de desenvolvimento infundavel. Nas suas composições predomina uma maravilhosa claridade, riqueza de harmonia, em que a satisfação moral e a ingenua naturalidade se alliam ás maiores audacias, em uma producção ininterrupta de cincoenta annos, sempre com pureza de meios, sem se preocupar com as exteriorisações das suas gigantescas concepções. Haendel, no drama religioso, faz verdadeiras symphonias vocaes,



em que as massas coraes apresentam uma potencia de sonoridade, energias de rythmos, dando pela nobre simplicidade e profundeza de expressão o maximo effeito ao pensamento musical. Eis as bases fundamentaes estabelecidas por estes grandes genios.

O segundo concerto trata de Gluck (1714-1787), Couperin (1668-1733), Pergolesi (1710-1736), Haydn (1732-1809), Mozart (1756-1791), Beethoven (1770-1827); não podendo dar os contornos biographicos d'estes mestres, que fizeram preciosos volumes, limitar-nos-hemos a umas notas rapidas. Como definir a acção de Gluck, sem falar primeiro da escola italiana, que elle combateu e sobre a



1—A insigne pianista sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, interprete do Mozart, Schubert, Brahms e Grieg, nos concertos historicos da sr.^a D. Sarah Marques 2—O salão



qual triumphou, lançando as bases definitivas da musica dramatica? Elle mesmo definiu o seu pensamento, no *Alceste*: — «*Procu-rei reauzir a musica á sua verdadeira funcção — a de auxiliar a poesia para fortificar a expressão do sentimento e o interesse das situações sem interromper a acção e sem arrefe-cel-a com notas superfluas.*» Foi o problema realiado, integralmente, por Wagner.

As discussões entre o predomínio exclusivo da *melodia* e da *harmonia*, entre o desenho e o colorido, rebentou no fim do seculo xviii, em Paris, entre os partidarios de Piccini e Gluck; este grande gênio, precursor de Wagner, insurgiu-se contra o *italianismo*, oppondo a belleza da expressão verbal declamada contra o virtuosismo italiano.

Haydn dá a fôrma definitiva á *sonata* e cria a *symphonia*, com a graciosidade e ingenuidade da mais absoluta organização de artista. Foi elle que abriu o caminho a Mozart, que, tomando durante dez annos o typo da orchestra creado por Haydn, soube dar-lhe a modificação definitiva, libertando-se de todos os modelos e avançando triumphante nos rasgos da sua alma apaixonada. Excede Haydn no sentimento dramatico, na fulguração dos coloridos, na variedade das combinações sonoras, nos timbres dos instrumentos, quan-

A sr.^a D. Candida Nova Monteiro Kendall, a distinctissima amadora de canto que tanto enthusiasmo despertou, com a sua arte divina, no selecto auditorio das matinees musicas de madame Sarah Marques



O salão dos

concertos

do o dialogo passa de uns para os outros, adquirindo mais relevo, vida e intenção.

E' bello vêr como seguindo o caminho aberto por estes dois mestres, surge Beethoven, reunindo ainda na mocidade a pujança da mais extraordinaria individualidade no estylo instrumental e na symphonia. Foi, na musica, um verdadeiro philosopho. As fórmulas recebidas de Haydn apertavam-o, e quebrou-a, alargando o seu quadro, creando novas melodias, mantendo os detalhes, as linhas harmoniosas, do equilibrio das proporções. Elevou-se do estylo architectural de Haydn e de Mozart, ao ideal expresso pela musica instrumental pura.

Os grandes mestres do estylo symphonico e da musica instrumental são allemães: formam essa assombrosa escola: Bach, Haendel, Haydn, Mozart, Beethoven, Weber, Mendelshon, Schubert, Schumann, Wagner e Brahms. Aqui nos achamos no terceiro concerto em que se exhibem Weber (1786-1826), Schubert (1797-1828), Mendelshon (1809-1847), Schumann (1809-1856), Chopin (1810-1849) e Rossini.

Cabe a Weber ter determinado a tonalidade germanica, nas suas operas *Freychutz* e *Oberon*; para elle, a orchestra encerra o poder expressivo do timbre; todo o caracter germanico expresso por Mendelshon e Wagner deriva d'este genio, creador

das mais inesperadas invenções de suavidade.

E' certo que Mendelshon imprimiu a nota pessoal ao genero symphonico; mas pelo seu idealismo feerico, no *Sonho de uma noite de verão* e na *Gruta do Fingal*, sente se o espirito de Weber, o creador do drama musical phantastico e sobrenatural; Mendelshon, por meio de resonancias mysteriosas e sonoridades crystalinas, trémulos e leves pizicatos, dá á symphonia um descriptivo magico, como que evocando os espiritos invisiveis.

Elle unifica a musica descriptiva com a imitativa e com o sentimento poe-

Mademoiselle
Rey Colaço, a de-
liciosa
interprete
de Bach



tico. Não tendo o genio creador de Beethoven e de Weber, é ainda o continuador d'elles, excedendo todos os grandes mestres da symphonia pela originalidade da arte de orquestrar, fazendo o emprego característico dos timbres com uma transparencia inegualavel na criação das fórmulas typicas, como nos *Romances sans paroles* e nos *Scherzi*.

Pouco poderemos dizer de Schubert, cujo genio está revelado em milhares de *Lieders*, que são a manifestação plena da alma germanica.

Schumann é um creador; nas suas composições instrumentaes e vocaes abundam os thesouros de harmonia e de invocações melodicas e rythmicas de uma originalidade empolgante, de um encanto, de uma audacia genial, em que ao vago devaneio se liga a logica de uma profunda trama harmonica, em que a lei immanente da unidade liga todos os detalhes na idea principal.

A Chopin cabe a gloria de ter provocado este movimento geral da musica moderna, tornando-a reveladora das tonalidades musicas, que primeiro comprehendera Felicien David, em 1844, compondo a symphonia — o *Deserto*. Chopin, pela sua delicadeza sentimental e doentia, revelou o genio da Polonia. E' esta mesma feição que destaca a obra de Grieg, dando for-

ma artistica ás melodias da Noruega; o mesmo com Svenden com a Suecia; de Gade com a Dinamarca; de Verhulst com a Hollanda; de Dvorak com a Bohemia; de Tshaikenski com a Russia; e do gigantesco Listz, cuja originalidade lhe veiu da sua fibra hungara.

Rossini appareceu quando o estylo dramatico italiano estava sacrificado á virtuosidade, e na monotonia invariavel das *Arias*. Rossini libertou-se d'esta depressão, reconhecendo o genio de Gluck na verdade da expressão declamada; e pelo estudo de Haydn e de Beethoven, chegou a este eclectismo que o tornou o genio querido da Europa, na primeira metade do seculo XIX. O estudo de Weber acordou-lhe a inspiração para o *Guilherme Tell*;



A sr.ª D. Bertha da Cunha e Menezes (violino)



O grande pianista Rey Colaço, interprete de Beethoven (CLICHÉ DE BOBONE).



O sr. Antonio Lamas (violeta)

(CLICHÉ DE VIDAL & FONSECA).

e no *Barbeiro de Sevilha* creou o typo definitivo da Comedia Musical, destacada para sempre do rudimento da opera bufa.

Do quarto concerto, bastam os nomes de Wagner (1813-1883) e de Brahms (1833-1899) para definirem este periodo supremo da musica moderna. Wagner cria o drama musical lendario e phantastico, revelação da alma germanica, integrando todas as fórmulas definidas por Gluck, Beethoven e Weber e dando á symphonia um papel predominante. Tem o calor, a paixão e a potencia creadora.

Brahms é o adversario do ponto de vista artistico de Wagner, que no dra-



ma musical funde a musica na poesia, e a pintura scenica em um todo concorrendo para um fim unico, como uma grande cathedral; Brahms trata a musica pura (coral, symphonica e de camara) com uma emoção mystica; a sua harmonia tem formulas de uma viva originalidade, comprazendo-se com um character indefinido e vago.

Os outros artistas representam esta época musical — ou pela superioridade da sua technica, como Saint-Saëns e Cesar Franck, ou pelo espirito nacional que visam a representar, como Massenet, D'Indy, De-

mal, liberta das velhas ficções.

Eis aqui, a traços largos, o ponto de vista artistico que um grande espirito feminino da nossa terra, a sr.^a D. Sarah Marques, fixou—e soube fazer executar, debaixo de uma direcção consciante. Para a sua iniciativa de arte, todas as palavras de elogio nos parecem apagadas. A critica da imprensa diaria já consagrou a obra monumental e instructiva dos *Concertos Historicos*, referindo-se, tambem, a todos os artistas que abrilhantaram as *matinées* musicas. Bem hajam, pois, todos os que, lealmente e n'um no-



D. Francisco Benetó
(1.^o violino
e grande virtuose)

(CLICHÉ
DA PHOTOGRAPHIA
ALLEMÃ)

Mauricio Zensaude
o distinctissimo interprete de Wagner
nos concertos historicos
de madame Sarah
Marques

(CLICHÉ DE TERKELSON
& HENRY,
DE S. FRANCISCO-
CALIFORNIA)



*O sr. D. Luiz da Cunha
e Menezes*
(violoncello);
(CLICHÉ DE VIDAL
& FONSECA)



O sr. Cecil Mackee
(violino)
(CLICHÉ DE VIDAL
& FONSECA)

bussy e Strauss, seguindo todos as tradições dos grandes mestres, sem fixarem novas fórmulas musicas que se preveem, sem comtudo ainda se definirem. O mesmo succede com poesia, que procura a sua renovação, inspirando-se em um estado nor-

bre intuito, souberam secundar a distincta e aristocrata organisa-dora dos concertos historicos! Dezembro, 1908.

OLGA MORAES SARMENTO.

Nota da redacção.

Não nos foi possivel obter, o que deveras lastimamos, os retratos das distinctas e illustres amadoras de canto mademoiselle Ida Blanck e D. Gabriella Jardim Strauss—a tempo de serem insertos n'este artigo.

INVERNO Á BEIRA-MAR. A PRAIA DE BRIGHTON.



*A praia e um caes
de desembarque*

As brisas marítimas, e em especial as da passagem de certas correntes oceánicas, têm poderosa influencia na regularidade dos climas; modificam, adoçam os rigores das temperaturas extremas, não só das diferentes latitudes n'uma mesma estação do anno, mas das estações oppostas n'um mesmo grau de latitude.

E' convincente a grande diferença de temperatura, quer de verão quer d'inverno, de Lisboa para Badajoz, tendendo depois a melhorar se seguirmos até Valência, no Mediterraneo, cidades que assentam approximadamente sob o mesmo paralelo.

D'aquí o aproveitamento das praias estrangeiras, no verão e no inverno, como estações de saúde e prazer. Vivem no inverno as do sul de Inglaterra, as do sueste, meio-dia e occidente da França. As do norte, como Boulogne, resistem aos embates das nortadas, ou defendem-se d'ellas forrando se de vidro como se vê nas *terraces* e longas explanadas de Ostende.

— Porque se não tira partido das praias portuguezas, todas defendidas naturalmente do terrível septentrião? — Por simples desleixo!

O rei Eduardo VII acaba de passar, como hospede de mr. e lady Arthur Sassoon, quinze dias em Brighton para se fortalecer dos estragos da *grippe*. Vem, pois, a proposito dizer o que é aquella grandiosa estancia marítima.

Brighton é uma cidade lindíssima do sul da Gran-Bretanha. Destinada ao repouso e á convalescença, não tem uma unica fabrica, esse terrível inimigo dos pulmões debeis. Cercada de parques frondosos, tem um aspecto limpo, arejado e ridentissimo, devido em parte á côr predominante—*beige* amarellado— das suas casas em *rique* ou pintadas a oleo.

A avenida marginal, da largura do nosso Terreiro do Paço, que se prolonga



O Rei Eduardo VII



durante alguns kilometros, sendo quasi impossivel per-correl-a a pé durante uma tarde, é das obras mais grandiosas que conheço. Toda em cimento e relva formosissima, onde a onde ajardinadas e florida, está guarnecida de bancos protegido por um guarda vento de crystal, conta milhares de cadeiras e é orlada, em toda a extensão, por uma grade metallica de grande custo.

Estão alli, em linha harmonica elegantissima, os principaes edificios, os hoteis mais im-

e outros *souvenirs*, as de chá, refrescos e doces.

Esta explanada monstro eleva-se alguns metros acima da praia e ao lêr-se o letreiro: *Free shelter hall below* percebe-se que ha por baixo d'ella ainda uma grande galeria d'abrigo ao longo da praia. Esta é de seixos e não d'areia fina como as nossas. Homens, mulheres e crianças passam alli horas estendidos, ou na galeria, lendo, á sombra.

As barracas para banhos, no verão, são collocadas so-



Na praia: «*Music-Hall*» improvisado
— Um effeito de mar no inverno

portantes. Aos Grand Hotel, Bedford, Queen's, King's, Prince's, leva a palmario de Metropole, luxuosissimo, todo conforto e bom gosto.

As entradas dos hoteis estão guarnecidas de plantas e flôres, ha verdura nas janellas de muitos edificios, todos de sobria e elegante construção.

Em restaurantes, mais modestos, come-se em *marquises* envidraçadas, sobre o mar, gosando o panorama soberbo.

São n'esta mesma avenida as casas de venda de postaes

bre rodas altas, os cavallos que as movem não são atrellados como em Ostende e San Sebastian, mas fazem

girar cabrestantes em que se enrolam os cabos que as fazem subir. O mesmo systema é usado para arrastar os barcos sobre pranchas ensebadas.

Da explanada marginal, e a grande distancia uma da outra, avançam para o mar duas longas *jetées*, estacadas de ferro para atracação dos vapores do serviço de passageiros de toda a litoral; são porém tão amplas que contem



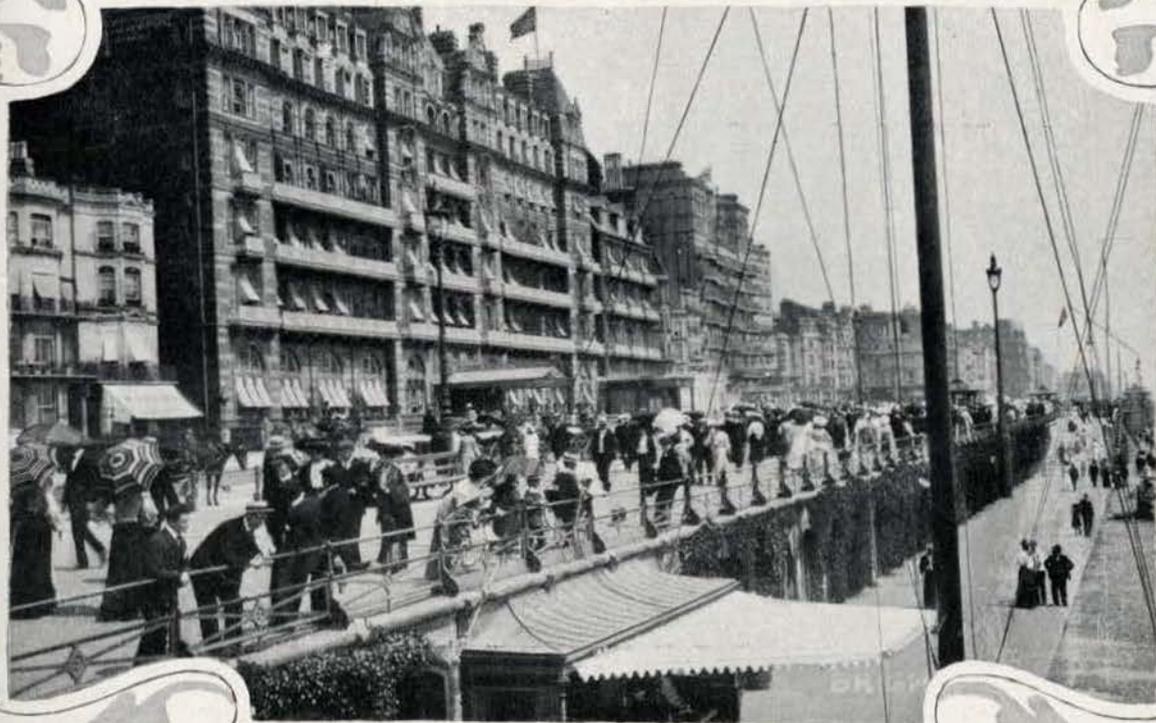
Uma invasão de gaiolas

um theatro no extremo d'uma, coretos onde tocam bandas regimentaes, kiosques, bazares, etc.

Entre estas duas muralhas de ferro circulam os escaleres automoveis e graciosos barcos de vela que se alugam para passeios.

Os esgotos differem *um pouco* dos do nosso Caes das Columnas; longos canos de pedra entram pelo mar, mas construidos de maneira que na sua parte superior póde o publico passear.

A cidade prolonga-se pelo oriente ao longo da estrada que conduz a Black-Rock (rochedo negro) e que se chama «Madeira Road». Esta estrada é construida sobre uma alta muralha de suporte em pedra, na base da qual se estende, acompanhando-a durante quasi um kilometro, uma nova galeria de arcos elegantes e columnas cercadas de verdura. E' um passeio publico abrigado e commodissimo, chamado «Madeira Shelter», cujo nome repre-



O Hotel Metropole e os dois pavimentos da explanada



Casas de Brighton sobre a «Madeira Road»

senta uma homenagem á nossa formosa ilha tão querida dos inglezes e estação obrigatoria no seu caminho para as colonias sul-africanas.

Black-Rock visita-se tambem indo por um caminho de ferro electrico, construido sobre estacaria de ferro ao longo da costa. E' passeio obrigatorio para o forasteiro. Os rochedos são deveras interessantes e marcam um limite na constituição geologica da costa, que depois passa a ser de barro branco e corta-

da a pique. Entre os monumentos de Brighton contam-se duas estatuas da rainha Victoria, n'uma, acompanhada do principe consorte e do filho. N'um jardim, frente ao mar, eleva-se o grande monumento á memoria dos soldados do Condado de Sussex, que de 1900 a 1902 cahiram no sul d'África.

N'um coreto da cidade toca a orchestra-philharmonica municipal.

E' enorme a affluencia de visitantes a



Aspecto da praia junto do caminho de ferro de Black-Rock



Brighton. Principalmente aos domingos, as ruas enchem-se de *Mail-coachs*, carros em fôrma de amphitheatro para excursionistas, automoveis, carros electricos, cadeiras de rodas, etc. Brighton é um porto de paz, não se vê ali um só soldado de marinha. A multidão no passeio marginal, nos dias bonitos, é compacta e tem aquelle aspecto alegre e despretencioso que se nota em todos os parques de Londres. Abundam as raparigas, des-

horas e as refeições mudam. Detestando apertões entre extranhos, trocam o comboio pelo automovel. Se o domingo amanhece claro, tilintam telephones, giram telegrammas e uma *merry party* está organizada. Ponto de *rendez-vous* o Carlton Hotel para almoço e um café no hall, ao som d'uma valsa *tsigana*, enquanto o *auto* espera. Eil-os em marcha; como não vão vêr Brighton, mas quem lá está, dirigem-se ao «Metropole» para o *tea*.



A proia durante uma regata
—Ao sol em Brighton

empenadas, risonhas e frescas, com os seus olhares provocantes e *toilettes* d'original simplicidade, sempre dispostas para o *flirt*. Ao domingo encontram-se muitos collegios de raparigas que olham o *touriste* com interrogativa curiosidade.

Vae-se de Londres passar lá o dia, tomando almoço e o chá das cinco, podendo partir para jantar em casa, á hora em que a cidade se transforma n'uma brilhante faixa de luz á beira mar.

Para a gente elegante que aprecia as commodidades, as

uma esperança! O que é preciso é regressar a Londres só para dormir, porque a capital é *beastly sad* ao domingo.

Encontram se em Brighton as mesmas diversões de Londres, os concertos ao ar livre, todo o genero de *sport* e até os mesmos prégadores de *Hyde-Park* e os incançaveis pedintes, com discursos e canções, da *Armée du Salut*.

Como o lisboeta podia, ao

Se a assistencia é *distincta* ficam para o jantar, se não, seguem para Eastbourne, por exemplo, sempre é

domingo, fazer o mesmo com o Estoril e Cascaes se conhecesse as vantagens do ar puro, e tambem se as passagens fôsem, n'esses dias, mais economicas!

A linha Londres-Brighton, servida por expressos magnificos que cobrem o trajecto em duas horas, custa, em 3.ª classe, 3 shillings ida e volta, o que faz sua differença do preço Lisboa-Cascaes, comparando os tempos de percurso. A superioridade do nosso clima é attestada pelo presidente da Sociedade de Geographia de Londres, mr. Marken, que ora vive no Mont'Estoril.

O que é Brighton



podia sel-o o Mont'Estoril ou a Figueira da Foz; o pittoresco de Biarritz encontra-se na Nazareth, em Cascaes e na Praia da Rocha (Algarve); a originalidade de San Sebastian existe em S. Martinho do Porto; tudo isto podia ser productivo para a nação se soubessemos tirar partido do nosso sol, céu e clima, se soubessemos chamar o estrangeiro abrindo-lhe livremente o porto, construindo casinos, restaurantes e grandes hotéis.

Na simples exploração da nossa privilegiada situação geographica está talvez a resolução do nosso problema economico.

Portugal tem aquillo que no estrangeiro falta. Falta-lhe apenas o que lá sobra — a actividade.

A. FERREIRA D'ALMEIDA CARVALHO.



- 1—O caminho de ferro de «Black-Rock»
- 2—Um domingo em Brighton
- 3—Grande Hotel e a Avenida marginal